

**INTERVENÇÃO DO PRESIDENTE DA CCDR-N NA REUNIÃO PLENÁRIA DA
COMUNIDADE DE TRABALHO NORTE DE PORTUGAL – CASTILLA Y LÉON,
PALÁCIO DA BOLSA, 27 DE JANEIRO DE 2009 | PORTO**

Sr. Presidente da Junta de Castilla y León, Juan Vicente Herrera

Sr. Embaixador de Espanha em Portugal, D. Alberto Navarro

Sra. Directora – Geral de Relações Institucionais e Assuntos Externos da Junta, Dña Maria de Diego Durántez

Sr. Conselheiro da Presidência da Junta, D. José António Santiago

Sra. Vice- Presidente da CCDR-N, Profª Ana Teresa Lehmann

Sr. Chefe de Projecto da Estrutura de Missão do Douro, Eng.º Ricardo Magalhães

Senhoras e senhores convidados

“De repente, Portugal descobriu a Espanha”, escreveu Eduardo Lourenço em 1990, quatro anos após a entrada dos dois países na União Europeia – e acrescenta: “Podia ser uma excelente ocasião para Portugal se descobrir a si mesmo como naturalmente Hispânico”

Essa “descoberta” entre os dois países vai a caminho de vinte e cinco anos e o “enamoramento” ou “encantamento” ainda não se esgotou. Se Portugal passou a conhecer-se melhor a si próprio – voto de Eduardo Lourenço – essa é uma outra questão, uma interrogação existencial que não cabe na nossa agenda de hoje.

A Espanha pelo seu lado, aprendeu a conhecer-se melhor em toda a sua multiplicidade e descobriu a diversidade as suas línguas, dos seus povos, das suas nacionalidades, assumindo enfim as autonomias regionais. E com isso também nós, portugueses, ganhamos: passamos a conhecer mais intensamente as

diferentes partes de um todo que desejámos ver unido e múltiplo na manifestação dos seus contrastes e na diversidade de expressões.

A Espanha contemporânea fez três grandes revoluções: a revolução democrática, a revolução económica e a revolução das suas regiões – as dezassete comunidades autónomas. Estas três grandes mutações, foram naturalmente facilitadas pela adesão à Comunidade Europeia e foram acompanhadas pela prática abolição de fronteiras entre Portugal e Espanha.

Ninguém se deve surpreender, por isso, com renovado e intenso prazer que nos proporciona, gente do Norte de Portugal, receber no Porto, para mais uma jornada de trabalho e cooperação a grande – no território e na alma – comunidade autónoma de Catilla y León, portadora de uma história verdadeiramente extraordinária. De facto, o Condado de Castilla constituiu-se no século X e, já como reino, no século seguinte, uniu-se definitivamente à monarquia leonesa, tendo logrado nos séculos posteriores, à custa dos reinos mouros uma expansão dos seus domínios pelas actuais Castilla la Mancha, Extremadura, Andaluzia, La Rioja, País Vasco e Murcia. Sob o reinado de Isabel, a Católica uniu-se, em 1492, com a coroa de Aragão, edificando as bases da Espanha.

Entretanto, no século XII e a partir do Norte de Portugal, o Condado Portucalense, desprende-se da Galiza, formando o reino de Portugal que se expandiu sucessivamente para sul até à conquista do território do Algarve.

“Fraco, pequeno e pobre de origem” - como escreveu o grande escritor e historiador português de meados do século XIX, Alexandre Herculano: “Portugal teve de lutar desde o berço com a sua fraqueza original, apertado entre o vulto gigante da nação de que se desmembrara e das solidões do mar, o instinto da vida política o ensinou a construir-se fortemente (...) a anatomia e fisiologia, prossegue Herculano, deste corpo, que aparentemente débil, reistiu assim à morte e à dissolução, deve ter sido admirável”.

Estou a citar um grande intelectual e um grande português, que não temia defender, nessa época, um federalismo ibérico, com a condição de as províncias espanholas (como ele dizia) ganharem autonomia face ao centralismo de Madrid, posição que sempre escandalizou os pequenos espíritos nacionalistas indígenas.

O Norte de Portugal tem, como a geografia e a língua impõem, uma relação umbilical com a Galiza. Juan Vicente Herrera sabe-o bem e estou em crer que o compreende e não alimenta ciúmes. É uma aliança

vital para o Noroeste peninsular essa que tem sido tecida e fortalecida ao longo de vinte anos. Mas não é uma relação exclusivista.

É tempo de aprofundar as nossas relações com Castilla y León, meu caro Juan Vicente. No plano estratégico, a cooperação entre as duas regiões não é de menor valia do que aquela que mantemos com a Galiza, pois através deste espaço de cooperação entramos mais profundamente no coração da península e ganhamos maior penetração em espaços e cidades muito evoluídos, a começar por Valladolid, prosseguindo por Madrid e chegando a Barcelona e ao Leste da Península.

O eixo Porto/Valladolid é essencial: aproxima a área metropolitana da dimensão do Porto (com 1.700.000 habitantes) com a província de Valladolid (600.000 habitantes).

A bacia (ou cuenca) do Douro/Duero estabelece uma ligação privilegiada entre as duas regiões e é um manancial de recursos naturais, paisagísticos, culturais, turísticos, ambientais e energéticos verdadeiramente inesgotável e deve ser explorada, de maneira sustentável, em comum. Essa é, aliás, uma das áreas estratégicas seleccionadas para o nosso encontro de hoje e um capítulo essencial do nosso Programa de Cooperação. Neste ponto permito-me distinguir o ambicioso e estratégico projecto castelhano das cúpulas do Douro, bem como a reabilitação da linha de caminho de ferro ao longo do Douro que envolve as duas regiões até Salamanca.

Sabemos que um dos maiores tesouros da região amiga que é Castilla y León está nas suas admiráveis cidades, no seu património natural e cultural e nas suas universidades; queremos pelo nosso lado, acrescentar à cooperação territorial e económica, o aprofundar das trocas científicas e culturais – caminho que dos dois lados cientistas, estudantes e artistas já seguem espontaneamente.

A cooperação de Castilla y León com as regiões portuguesas é tripartida, tem três ângulos: regiões de Castilla, Norte e Centro de Portugal. Será possível unificar esta cooperação lançando os alicerces de uma euro-região a três? Aqui deixo a questão.

O contexto actual marcado pela retracção económica de carácter planetário não deve tolher a nossa comum capacidade de iniciativa e de acção. O pior que a crise poderia fazer às excelentes e fecundas relações entre Portugal e Espanha, e entre as suas regiões, seria suscitar novos egoísmos e proteccionismos. Os momentos históricos de incerteza e imprevisibilidade que atravessamos exigem discernimento, generosa paciência e capacidade de afirmação comum.

O Plenário de hoje rompe com as rotinas da diplomacia da amizade – sempre agradável – e com eventos pontuais sem consequências. Representa um ponto de viragem. De facto, a assinatura do Convénio de Cooperação Transfronteiriça entre a CCDR-N e a Junta de Castilla y León adaptado à “Convenção entre a República Portuguesa e o Reino de Espanha sobre cooperação transfronteiriça entre entidades territoriais”, assinado em Valência, permite uma “governance” entre as nossas duas entidades regionais mais avançada, reconfigurando a organização interna do nosso organismo de cooperação à medida dos objectivos do Plano Estratégico com o sentido de lhe auferir maior agilidade. Uma nova etapa se inaugura, agora sob a presidência da Comunidade de Trabalho, para o próximo biénio, por Juan Vicente Herrera o qual, não tendo eleições à vista, pode consagrar uma parte maior do seu tempo e do seu grande talento ao desenvolvimento comum das duas regiões. As sua liderança é desejada e dela muito se espera.

Por fim, o plano de cooperação estratégica que hoje aqui apresentamos, propõe sete janelas de oportunidades para as trocas institucionais e empresariais das nossas regiões: Ambiente, Energia, Desenvolvimento Rural, Turismo, Ciência (I&D) e Logística e Transportes e, em termos territoriais, o vale internacional do Douro/Duero e o eixo Porto – Valladolid.

Mais do que vizinhas, as nossas regiões devem ser parceiras. Em investimentos público, no desenvolvimento empresarial, nas trocas comerciais, na promoção externa e da oferta turística de excepcional qualidade que oferece o mesmo curso de água: Douro ou Duero, Duero ou Douro tanto importa.

Muito obrigado

Carlos Lage

Porto, 27 de Janeiro de 2009